

O REGISTRO DE MANOBRAS E HISTÓRIAS DO SKATE EM SÃO BORJA,RS: O CASO DO DOCUMENTÁRIO SKATE SB[1]

DOCUMENTING SKATEBOARDING TRICKS AND STORIES IN SÃO BORJA, RS: THE CASE OF THE DOCUMENTARY SKATE SB

Italo Yeltsin Pereira Bicca [2] Marco Antônio Bourscheid Júnior[3]

Miriam de Souza Rossini[4]

RESUMO

Este artigo sistematiza a experiência de concepção e realização do documentário *Skate SB: a história da pista de Skate*, produzido entre 2023 e 2025 no município de São Borja (RS). Por meio de um relato de experiência, que cruza a pesquisa bibliográfica com o registro crítico da práxis audiovisual, analisa-se o papel do documentário como dispositivo de reminiscência ativa e de intervenção social direta, a fim de responder à questão: como a produção audiovisual de documentário pode reescrever as dinâmicas da memória urbana e o direito ao lazer em territórios de fronteira. O texto acompanha a trajetória de resistência e mobilização dos skatistas locais, tensionando as fricções entre o ordenamento estatal do lazer público, a apropriação tática do cotidiano e o direito à cidade. O desfecho da produção, com a exibição pública do filme na Câmara de Vereadores após a revitalização do espaço em 2025, consolida a obra como instrumento de cidadania e demarca a importância da universidade pública na salvaguarda de memórias historicamente invisibilizadas nas periferias do país.

Palavras-chave: documentário, skate, São Borja, fronteira, oeste.

ABSTRACT

This article systematizes the experience of designing and producing the documentary *Skate SB: the history of the skate park*, produced between 2023 and 2025 in the municipality of São Borja (RS). Through an experience report that intersects bibliographical research with a critical record of audiovisual praxis, it analyzes the role of the documentary as a device for active reminiscence and direct social intervention,

[1] Recebido em 20/09/2026. Aprovado em 28/09/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.23920276
[2] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ipbicca@gmail.com
[3] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. bhc2marco@gmail.com
[4] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. miriams.rossini@gmail.com



aiming to answer the question: how can documentary audiovisual production rewrite the dynamics of urban memory and the right to leisure in border territories? The text follows the trajectory of resistance and mobilization of local skateboarders, examining the tensions between the state regulation of public leisure, the tactical appropriation of everyday life, and the right to the city. The production's outcome, featuring the public screening of the film at the City Council following the revitalization of the space in 2025, consolidates the work as an instrument of citizenship and highlights the importance of the public university in safeguarding memories that have been historically rendered invisible in the country's peripheries.

Keywords: documentary, skateboarding, São Borja, border, west.

INTRODUÇÃO

Como a produção audiovisual de não ficção pode atuar como dispositivo de salvaguarda da memória coletiva e instrumento de intervenção urbana em territórios de fronteira? Este artigo apresenta o relato de experiência da concepção e realização do documentário *Skate SB: a história da pista de Skate*, produzido entre os anos de 2023 e 2025 no município de São Borja, localizado na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. A sigla que dá título à obra faz referência direta ao município gaúcho que carrega expressiva relevância na história política nacional por ter sido o berço de dois ex-presidentes da República.

Reconhecida por essa centralidade histórica, a cidade vivenciou nas últimas duas décadas transformações estruturais profundas que alteraram a dinâmica social local. A partir da criação da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e da consolidação do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), a população local passou a contar não apenas com o acesso descentralizado à educação pública de qualidade, mas viu-se diante de um horizonte promissor para o fomento de pesquisas acadêmicas de caráter regional. Mais especificamente, a Unipampa, por meio de seus cursos de Comunicação Social situados no campus de São Borja, passou a contribuir de forma contundente para a preservação e o resgate da memória local. Esse papel reveste-se de relevância social e crítica, porque o município não dispõe de espaços institucionais públicos dedicados à conservação e à preservação de sua história



cotidiana, tornando a produção audiovisual um suporte insubstituível para o resgate de memórias coletivas (Smit, 2022).

A sustentação científica e a relevância deste estudo fundamentam-se nas duas dimensões de validação da pesquisa propostas por Lúcia Santaella (2001): a dimensão social e a dimensão profissional. No que tange à dimensão social, este artigo busca contribuir diretamente para a salvaguarda da cultura do skate em São Borja, sistematizando a memória histórica de um grupo juvenil frequentemente marginalizado no interior gaúcho e registrando suas lutas políticas pelo direito ao lazer e à cidade. No que concerne à dimensão profissional, o estudo analisa criticamente as tomadas de decisão e os percursos práticos da produção do documentário, analisando-o enquanto ferramenta de registro e intervenção social, que consolida a práxis comunicacional como arena legítima de produção de conhecimento.

Metodologicamente, este trabalho ancora-se no relato de experiência amparado nas diretrizes de Mussi, Flores e Almeida (2021), pautando-se pelos critérios de cientificidade da coerência, da consistência e da objetivação para transcender a mera descrição operacional de bastidores. Para garantir a solidez analítica exigida na investigação acadêmica, a experiência de produção foi articulada a partir de três frentes de pesquisa integradas.

O primeiro eixo parte da pesquisa documental em fontes primárias, com levantamento de registros históricos na imprensa local, como o acervo do *Jornal Folha de São Borja*, mídias alternativas e materiais audiovisuais arquivados na plataforma YouTube sobre a inauguração da pista pública em 2008. Para o segundo eixo, foram realizadas pesquisas de campo sobre personagens relevantes para a história e para o resgate de acervos, combinada à coleta e digitalização de acervos pessoais de vídeo (registros digitais gravados entre 2008 e 2016). Nesta fase, também foram feitas entrevistas com nove atores sociais de diferentes gerações, abrangendo desde praticantes pioneiros do final dos anos 1980 até gestores públicos, militantes do esporte e jovens atletas. Por fim, e atravessando as duas fases anteriores, foi feita a pesquisa bibliográfica, especialmente na fundamentação teórica sobre os conceitos



de memória e reminiscência (Smit, 2022; Le Goff, 2003), espaço urbano e sociabilidade juvenil (Agier, 2011, 2015; Lefebvre, 2008; Machado; Brandão, 2020), além dos aportes conceituais sobre o cinema documentário e a representação social (Nichols, 2005; Ramos, 2008; França, 2008).

Desta forma, para desenvolver essa trajetória reflexiva aqui proposta, o texto organiza-se em três seções subsequentes. A primeira delas contextualiza a realidade socioespacial de São Borja e a busca dos jovens pelo seu espaço urbano. A segunda seção discute a emergência da cultura juvenil e do skate sob a ótica da contracultura, da representação cinematográfica e da apropriação do espaço público. E, por fim, a terceira seção aprofunda o relato de experiência audiovisual, analisando a obra como dispositivo de reminiscência, reencontro intergeracional e ação cidadã.

SÃO BORJA: HISTÓRIA LOCAL E A BUSCA DOS JOVENS PELO SEU ESPAÇO

Conhecida nacional e regionalmente como a "Terra dos Presidentes", por ter sido o berço natal de duas das figuras mais expressivas da política brasileira do século XX, Getúlio Dornelles Vargas e João Marques Goulart, a cidade de São Borja situa-se geograficamente na região da Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul.

A despeito dessa centralidade na historiografia política oficial do país, o município enfrenta, na contemporaneidade, um severo e prolongado processo de esvaziamento demográfico de sua população jovem. De acordo com Fabiane e Spinelli (2025), no ano 2000, São Borja tinha uma população de 64.869 pessoas. Deste número, 19,8% dos habitantes tinham entre 10 e 19 anos (IBGE, 2026). Em 2022 a população total é de 59.676 pessoas, sendo que o grupo mencionado anteriormente reduziu sua participação para 11% da população local. Esse fenômeno é impulsionado, em grande medida, pela escassez de alternativas produtivas, pela restrição do mercado de trabalho e pela carência de equipamentos públicos consolidados voltados à cultura, ao esporte e ao lazer (Rio Grande do Sul, 2026).

É sob a ótica desse isolamento socioespacial e das assimetrias territoriais do interior que as práticas corporais e as dinâmicas de sociabilidade juvenil ganham um



relevo singular na cena urbana são-borjense. O lazer ativo e as conexões comunitárias tecidas ao redor do skate de rua (*street skate*) emergem não como meros passatempos individuais ou entretenimentos alienados, mas como modos cruciais de afirmação de sua existência, engajamento político informal e apropriação do território por parte de uma juventude que busca produzir sentidos de pertencimento em sua própria cidade.

A reconfiguração do cenário socioeducacional do município ganhou contornos decisivos a partir de meados dos anos 2000, impulsionada pelas políticas públicas federais de expansão e descentralização do ensino público superior. A implantação do campus da UNIPAMPA, em 2008, e a consolidação do IFFAR, em 2010, alteraram a estrutura demográfica e cultural de São Borja, atraindo estudantes, docentes e pesquisadores, além de fixar no município jovens que anteriormente eram forçados a migrar para grandes centros urbanos. No ecossistema acadêmico local, os cursos de Comunicação Social da UNIPAMPA passaram a exercer um protagonismo diferenciado ao articularem o ensino de graduação e a extensão universitária à escuta das vivências comunitárias e à preservação do patrimônio imaterial da região.

Essa atuação da universidade pública reveste-se de uma relevância social. Como aponta Smit (2022), a memória coletiva de uma comunidade necessita de suportes e instituições que garantam a sua continuidade e transmissibilidade. No entanto, o município de São Borja não dispõe de arquivos públicos municipais, museus comunitários ou centros de documentação dedicados à conservação e à proteção da história cotidiana da sua população. Na ausência desses dispositivos estatais, as produções científicas e audiovisuais desenvolvidas no ambiente acadêmico convertem-se em espaços de registro e patrimonialização das vivências populares locais, impedindo que a trajetória das culturas juvenis seja apagada pelo tempo.

Nesse cenário de escassez de infraestrutura, as políticas públicas de fomento cultural assumem uma dimensão reparadora. A aprovação de marcos regulatórios emergenciais, como a Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022), viabilizou



a descentralização de recursos federais para municípios do interior. No caso de São Borja, o aporte de aproximadamente R$ 535 mil destinados ao setor cultural impulsionou a cadeia do audiovisual local, permitindo que produtores regionais pudessem transformar as memórias da comunidade em obras documentais de permanência histórica (Prefeitura Municipal de São Borja, 2026).

Paralelamente, as informações documentadas sobre a origem e a evolução do skate em São Borja permaneceram, por muitos anos, escassas na imprensa local e inexistentes na historiografia formal. Registros orais indicam que os primeiros praticantes começaram a deslizar pelas ruas da cidade no final dos anos 1990. Naquele período inicial, a prática era marcada pela precariedade e por graves gargalos logísticos: a inexistência de estabelecimentos comerciais especializados no município forçava os skatistas a improvisar manutenções ou importar peças de centros maiores. Foi apenas em meados dos anos 2000 que a abertura do primeiro comércio local focado na cena alternativa, a loja *Pira Skate & Surf*, analisada sob a ótica da Comunicação por Naressi (2015), atestou a formação de um mercado consumidor local e a consolidação de um grupo organizado de praticantes no município.

O skate, em sua modalidade de rua, caracteriza-se pelo uso criativo do asfalto, dos desníveis e dos elementos arquitetônicos da cidade como campo de experimentação corporal. Diante da ausência de praças esportivas específicas em São Borja, durante os anos 1990 e início dos anos 2000, os jovens skatistas dividiam espaço com pedestres e veículos. Na busca por superfícies lisas e obstáculos desafiadores, os praticantes usavam calçadas, praças, monumentos, bancos e muretas de concreto espalhadas pelo centro urbano. Ao subverter as funções originais desses equipamentos urbanos, planejados para o trânsito ou para a contemplação passiva, a juventude são-borjense exercia, na prática, o conceito de "fazer-cidade" (*faire-ville*), teorizado pelo antropólogo Michel Agier (2011), que compreende o conjunto de táticas e apropriações cotidianas em que os sujeitos e grupos sociais



utilizam os espaços públicos geridos pelo Estado, confrontando a sua lógica rígida, funcionalista ou mercantilizada. Como sintetizam Machado e Brandão (2020, p. 115):

> O "fazer-cidade" opera como uma resposta ativa dos citadinos às lógicas de ordenamento e mercantilização do espaço urbano. Trata-se do movimento pelo qual os sujeitos ordinários, por meio de suas práticas cotidianas, inventam usos não previstos para a arquitetura da cidade, transformando o concreto inerte em um lugar de encontro, expressão estética e afirmação existencial.

No entanto, essa apropriação do espaço urbano não ocorreu sem conflitos. A presença dos skatistas nos espaços públicos gerou inevitáveis tensões com moradores e as forças de segurança, que interpretavam as manobras e o impacto dos skates como atos de vandalismo, perturbação da ordem ou degradação patrimonial. A opinião pública local exigiu uma intervenção do poder público municipal para reprimir ou disciplinar a circulação dos skatistas.

Impulsionados pela necessidade de defender a legitimidade de suas práticas e reivindicar uma infraestrutura adequada, os skatistas de São Borja compreenderam que somente a ocupação informal das ruas era insuficiente. Em 2006, os praticantes organizaram-se formalmente para fundar a Associação dos Skatistas de São Borja. A criação desta entidade representou um salto na organização comunitária: os jovens passaram a atuar como sujeitos políticos coletivos, participando de audiências públicas na Câmara de Vereadores, elaborando abaixo-assinados e pressionando o Poder Executivo Municipal por investimentos públicos na área de esporte e lazer.

Essa mobilização culminou, em 28 de maio de 2008, na inauguração da primeira pista pública de skate de São Borja, construída junto ao Parque General Vargas. Deste modo, a conquista deste espaço, ilustra a aplicação do conceito de "direito à cidade", formulado originalmente por Henri Lefebvre (2008). Para o autor, o direito à cidade não se reduz ao acesso individual aos serviços urbanos, mas constitui-se como o direito de transformar, refazer e reinventar a maneira que se utiliza da cidade, de acordo com as necessidades coletivas de seus habitantes:

> O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Ele só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada. É o direito dos citadinos de construir



> o espaço urbano como um lugar de encontro, de festa e de uso prioritário do cidadão sobre o valor de troca das mercadorias (Lefebvre, 2008, p. 118).

Contudo, a trajetória da pista de skate em São Borja revela também as contradições e os dilemas da gestão pública das práticas juvenis. Como alertam Machado e Brandão (2020, p. 112), a construção de pistas de skate por gestões municipais muitas vezes responde a uma dupla intenção: por um lado, atende às demandas legítimas da comunidade; por outro, funciona como um "dispositivo normativo" voltado a segregar e confinar os praticantes em um espaço delimitado, "limpando" o centro urbano das manobras incômodas.

Em São Borja, essa contradição aprofundou-se nos anos subsequentes à inauguração da pista de skate, em 2008. Após a entrega da obra, as administrações municipais seguintes abandonaram a manutenção preventiva do parque. O descaso governamental resultou no nascimento de buracos do piso de concreto, no surgimento de rachaduras e na quebra de cantoneiras metálicas, expondo os atletas ao risco constante de graves lesões corporais. Sentindo-se desamparados pelo poder público e com o equipamento deteriorado, muitos skatistas foram forçados a abandonar a pista oficial e retornar à rua, ocupando novamente praças e monumentos centrais para praticar o esporte.

Apenas em meados de 2024, em um contexto marcado pelo período eleitoral municipal, o Poder Executivo iniciou um processo de reforma estrutural completa do Parque General Vargas e de sua pista de skate. A reinauguração do espaço revitalizado, ocorrida em 26 de abril de 2025, fechou um ciclo de quase duas décadas de disputas, abandono e reexistência. O desfecho dessa trajetória foi acompanhado do lançamento do documentário *Skate SB: a história da pista de Skate*, aqui analisado pela sua importância como marcador e registro histórico.



O DOCUMENTÁRIO COMO DISPOSITIVO DE MEMÓRIA, REENCONTRO E REGISTRO DAS SUBJETIVIDADES

A prática de fazer um documentário ultrapassa a captação técnica de imagens e sons para se constituir como um gesto analítico sobre a realidade. A partir disto, na perspectiva de Smit (2022), a obra audiovisual de não ficção não opera como um mero depósito estático de fatos passados, mas como um dispositivo de reminiscência ativa, um espaço dinâmico onde o presente interroga, ressignifica e organiza os vestígios da memória individual e coletiva de um grupo social.

No caso do documentário *Skate SB: a história da pista de Skate*, a produção realizada no município de São Borja assumiu o compromisso ético e político de registrar a trajetória de resistência da comunidade juvenil do esporte local. Em um território de fronteira, caracterizado pela escassez de arquivos públicos municipais dedicados a salvaguardar a história cotidiana das populações ordinárias, o audiovisual produzido no âmbito da universidade pública assumiu o papel de instituição de custódia e patrimonialização das memórias populares.

Para refletir analiticamente sobre essa práxis sem recair na simples repetição da cronologia histórica já apresentada, ou em um manual prescritivo de bastidores técnicos, a experiência investigativa é analisada aqui a partir da metodologia do relato de experiência amparada em Mussi, Flores e Almeida (2021). Compreendendo o documentário a partir dos aportes de Bill Nichols (2005) e Fernão Pessoa Ramos (2008), para quem o cinema documental se constrói na negociação viva entre a câmera e os atores sociais, a produção realizou entrevistas em profundidade com nove sujeitos representativos dos diferentes momentos históricos do esporte na cidade. A seleção dos depoentes buscou contemplar a diversidade de olhares, reunindo praticantes pioneiros do final dos anos 1980, militantes políticos da Associação dos Skatistas de São Borja, empresários do comércio local, gestores públicos das secretarias de esporte e ex-prefeitos do município.

Abaixo, o Quadro 1 apresenta o perfil socioprofissional dos nove atores sociais entrevistados no documentário, oferecendo ao leitor o panorama completo dos



interlocutores, cujas vozes, memórias e acervos articulam-se ao longo do relato de experiência:

Quadro 1: Atores sociais entrevistados no documentário Skate SB.

Nome:	Descrição
Entrevistado 1	Empresário de uma loja local de artigos de skate e ativista do esporte;
Entrevistado 2	Trabalhador de serviços gerais, praticante do skate local, desde o final dos anos 1980;
Entrevistado 3	Empresário do ramo óptico, praticante com atuação em campeonatos municipais e estaduais.
Entrevistado 4	Empresário e ex-prefeito da cidade.
Entrevistado 5	Empresário, atual vereador e secretário do esporte da cidade da época.
Entrevistado 6	Autônomo e ex-vereador da cidade.
Entrevistado 7	Metalúrgico, praticante com participação em campeonatos estaduais;
Entrevistado 8	Cozinheiro e praticante com participação em campeonatos estaduais.
Entrevistado 9	Secretário do Esporte da atual gestão municipal.

Fonte: Elaboração Própria (2026).

A apresentação prévia dos sujeitos da pesquisa permite compreender como a narrativa do documentário foi tecida a partir da polifonia de experiências. Ao cruzar as memórias orais dos pioneiros com os depoimentos da gestão pública e dos jovens atletas atuais, o relato de experiência do realizador revela as tensões, as conquistas e os significados atribuídos ao espaço urbano ao longo das últimas três décadas, conforme se aprofunda a seguir.

Na dimensão da pesquisa de campo e do contato inicial com os sujeitos, o relato de experiência do realizador exige uma postura de escuta atenta às geografias da cidade. Antes da existência de equipamentos públicos oficiais, a prática do *street skate* em São Borja dependia da capacidade dos jovens de inventarem seus próprios obstáculos, gerando uma sociabilidade nos locais urbanos. São exemplos de locais utilizados nessas práticas: o palanque da Praça XV de Novembro, a Praça da Lagoa e a frente de antigos estabelecimentos comerciais. Ao registrar as memórias dos



praticantes, a câmera do documentário capturou não apenas a descrição dos aparelhos desafiantes que os praticantes usavam, mas a dimensão comunitária e o sentimento de cumplicidade que caracterizava a apropriação jovem do espaço. Em seu depoimento prestado, o Entrevistado 1 resgata a dinâmica artesanal e a cooperação financeira que viabilizavam a permanência do grupo nesses locais:

> Ali os caixotes a gente deixava embaixo, onde é coberto, e os corrimão também. Aí geralmente “a galera” não roubava, ficava ali, né? Fazia nas casas dos amigos, pegava um pouco de madeira, pegava um pouco de dinheiro de cada um e sempre dava um jeito de construir os obstáculos e tal. [...] (Entrevistado 1)

A fala do depoente ilustra como o "fazer-cidade" (Agier, 2015) se materializa na prática cotidiana através da solidariedade e da autogestão do espaço. Contudo, essa ocupação informal das calçadas e monumentos centrais acarretava atritos, como já mencionado. A abordagem das forças policiais, embora muitas vezes descrita pelos depoentes como isenta de violência física direta, carregava o peso de uma coerção simbólica e da interdição da prática do esporte no espaço público. Como relembra o mesmo Entrevistado 2 sobre as dinâmicas:

> Um bando de moleque, ficam uns sentados, os outros “zoando”, pulando, fazendo barulho. Aí eles vinham [...] não chegaram batendo, essas coisas que dizem que os caras chegam dando um pau. Não, chegavam, claro, brutalmente, já dando a entender: “ou tu vaza, ou tu vai te incomodar”. Naquele primeiro momento já deu pra ver a necessidade de ter um espaço pra essa juventude.

Essa lembrança sintetiza um conflito recorrente na comunidade do skate local. O desgaste provocado pelas forças policiais, reforçou a necessidade de um local seguro e reconhecido institucionalmente, impulsionando os skatistas a saírem de uma resistência dispersa para uma articulação política organizada, dando origem às reivindicações formais perante o poder público.

O relato dos entrevistados revela que a transição da ocupação informal das ruas para a conquista da pista pública exigiu dos praticantes, um movimento organizado. A articulação entre as lideranças do esporte e a comunidade praticante, resultou na criação da Associação dos Skatistas de São Borja em 2006,



transformando os jovens em grupo articulado capaz de dialogar com o Poder Legislativo e o Poder Executivo Municipal.

A escuta dos atores políticos no documentário trouxe à tona o encontro entre a pressão popular e a tomada de decisão dos gestores públicos. O Entrevistado 4, ao relembrar a inclusão da obra da pista no orçamento do município, sintetiza a lógica do atendimento governamental em São Borja:

> Quando passamos a ser o gestor, eu percebi que, em função das demandas muito grandes da Prefeitura, [...] de ter que dar as prioridades, passei a compreender a dificuldade dos outros prefeitos. Então, quando o recurso é pouco, tem que dar prioridade para algumas coisas. Qual é a prioridade que o governo costumou cumprir nos oito anos que fui prefeito? É atender onde, de fato, existia maior pressão popular, organizada para aquele fim.

O depoimento do ex-prefeito válida a hipótese de que a conquista do direito à cidade (Lefebvre, 2008) por populações marginalizadas não decorre da concessão passiva do Estado, mas da capacidade de organização e tensionamento dos cidadãos com a classe política. Na perspectiva do realizador audiovisual, capturar essa fala no filme permitiu devolver à comunidade a consciência do seu próprio protagonismo na condução de uma cidade mais alinhada aos seus interesses.

Nessa etapa de produção, a captação das entrevistas e a gravação das sessões de skate exigiram um planejamento técnico e estético para harmonizar os depoimentos verbais às imagens em movimento. A Figura 1 documenta o processo de captação de entrevistas e a gravação de “vídeo partes”[5] com os atletas locais, ilustrando a dinâmica de trabalho no campo.

O registro das etapas de gravação evidencia que o ato de filmar não se atém a uma postura distante do objeto, mas constitui um espaço colaborativo de co-criação entre a equipe de produção e os sujeitos pesquisados. Ao operarem a câmera no próprio ambiente de treino e ao recolherem as memórias orais diante dos monumentos e praças da cidade, os realizadores estabeleceram uma relação de confiança que

[5] De acordo com o site I Hate Flash (2026), a *vídeo parte* é uma gravação de uma sessão individual de um skatista, em um filme de skate, com duração média de dois a quatro minutos, com o objetivo de apresentar suas melhores manobras, estilo e escolha de locais para a prática, levando em conta a batida de uma música, escolhida pelo praticante.



favoreceu a emersão de relatos espontâneos, fundamentais para a textura emotiva do documentário.

Figura 1: Imagens do momento de captação de entrevista e vídeo partes do documentário Skate SB



Fonte: Acervo da Pesquisa / Lumini Video (2026).

Como recurso narrativo, o documentário utilizou imagens captadas na data da inauguração da pista. Esse resgate foi possível através do empenho de pessoas envolvidas que compartilharam esse momento na plataforma de vídeos YouTube, por meio de dois vídeos (como os vídeos "Street Skate São Borja-RS 2008" e "Skate São Borja"), conforme demonstra a Figura 2.

Figura 2: Registros audiovisuais raros da inauguração da pista pública de skate de São Borja em maio de 2008 no Parque General Vargas, resgatados na plataforma YouTube.



Fonte: Acervo da Pesquisa / YouTube (2026).



Essas imagens de arquivo, ao serem apresentadas juntamente com os depoimentos, produziram um efeito de conexão temporal sobre o assunto, por meio da montagem. O relato verbal de Entrevistado 7, sobre o dia da inauguração em maio de 2008, ajuda a entender o impacto cultural daquele momento para o município:

> Era bonito ver que era só a pista iluminada e o resto do campo tudo escuro. Tu só via quem vinha do Parque, o que vinha do centro. Tinha a pista iluminada e o resto tudo escuro. [...] Aí veio uma pesada de fora [...] praticamente parou a cidade para ver o campeonato de skate.

A justaposição entre a narrativa oral e os registros visuais permitiu ao documentário funcionar como um arquivo da memória do esporte em São Borja. A vibração das imagens de arquivo resgatadas comprovou a relevância de salvaguardar os registros caseiros, pois neles se preserva a autenticidade dos acontecimentos que os documentos oficiais não conseguem registrar. O aspecto mais profundo da produção audiovisual reside no seu caráter de dispositivo de reencontro intergeracional e mediação de subjetividades.

No processo de gravação e montagem do filme, colocar em diálogo as memórias dos pioneiros do final dos anos 1980, homens hoje com 50 a 60 anos de idade, com os depoimentos dos jovens que vivenciaram a pista em 2008 e os skatistas da geração atual produziu um deslocamento ético e afetivo singular. Ao reverem suas imagens de juventude e narrarem suas trajetórias para a câmera, os praticantes mais antigos puderam relembrar o passado a partir da maturidade do presente.

O documentário funcionou como uma ponte social que ressignificou antigas dores e preconceitos de um grupo que estava na marginalidade. O skate deixa de ser visto como uma atividade geradora de conflitos e passa a ser reconhecido como um ambiente que gera transformação social. Nas palavras do Entrevistado 3:

> Skate salva, né? Não é só um esporte, é uma cultura, um estilo de vida. Então, por isso que é bom ter essa cena lá em São Borja, para as novas gerações também aprenderem o que é legal, o que vai te trazer coisas boas pra tua vida.

A valoração da cultura do skate como ferramenta de cidadania e vida digna encontrou eco direto no desenrolar da própria pesquisa de campo. A produção do



filme não se limitou a observar passivamente a realidade, mas atuou como um catalisador de cobranças junto ao Poder Executivo Municipal, contribuindo para sensibilizar a administração sobre o estado de abandono da pista pública no Parque General Vargas.

Em resposta a essa demanda histórica pela presença da equipe de filmagem, o município promoveu a revitalização completa da pista entre 2024 e 2025. No depoimento registrado com o Secretário Municipal de Esporte, Lazer e Eventos (Entrevistado 9), a gestão pública reconheceu a importância da autonomia institucional e do fomento às práticas esportivas locais:

> Nossa secretaria é uma secretaria nova, fomos desmembrados da Cultura [...] e hoje é uma secretaria autônoma. O incentivo ao esporte amador é muito importante na nossa gestão. O skate vai ser uma das atividades que a gente vai desenvolver ao longo do ano. [...] O Parcão como um todo, nós vamos planejar um grande evento para entregar à sociedade são-borjense, que esperou tanto tempo.

A reabertura da pista revitalizada e a posterior sessão de lançamento oficial do documentário *Skate SB*, realizada em maio de 2025 no plenário da Câmara de Vereadores de São Borja, finalizaram um ciclo de intervenção social da obra. A exibição do filme na Câmara Municipal de Vereadores, reunindo skatistas de três gerações, gestores públicos e moradores locais, transformou o audiovisual em uma arena de celebração democrática. Essa experiência confirma que a práxis comunicacional e o relato de experiência constituem instrumentos científicos capazes de devolver à juventude o protagonismo sobre sua própria história, assegurando a permanência do seu direito à memória e à cidadania urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo e a reflexão analítica sobre a concepção e recepção do documentário *Skate SB: a história da pista de Skate* permitiram alcançar os objetivos propostos de forma integrada, preenchendo uma lacuna historiográfica e teórica acerca das culturas juvenis na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Mais do que uma mera recapitulação das etapas desenvolvidas, estas considerações finais



buscam articular as principais contribuições teóricas, metodológicas e sociais emergentes da práxis comunicacional, projetando desdobramentos para o campo da Comunicação Social e para preservação da memória local.

Em primeiro lugar, a investigação evidencia que a produção audiovisual de não ficção, quando desenvolvida em municípios do interior, pode assumir um caráter de proteção da memória local. Diante da crônica ausência de arquivos públicos municipais, museus comunitários ou centros de documentação dedicados à história cotidiana, o documentário consolida-se como um verdadeiro arquivo de consulta da história de um grupo social.

Em segundo lugar, sob a dimensão humana e subjetiva do processo, o trabalho revelou a capacidade do filme em funcionar como uma ponte de reencontro intergeracional. A escuta atenta e a mediação da câmera permitiram que os praticantes pioneiros do skate são-borjense do final da década de 1980, sujeitos que hoje vivenciam a faixa dos 50 a 60 anos de idade, pudessem expressar aquele passado de juventude a partir do olhar amadurecido que o tempo acumulado permite ampliar.

Esse exercício de memória proporcionou a ressignificação de antigas repressões policiais e do estigma de marginalidade que pesavam sobre o esporte no século passado, transformando a dor da exclusão, no orgulho coletivo de haver fundado uma tradição de resistência na cidade através do esporte. Simultaneamente, ofereceu às novas gerações de praticantes a consciência histórica de que a conquista dos espaços públicos no município foi forjada pela perseverança e pela coragem dos que os antecederam.

Em terceiro lugar, no tocante à reflexão sobre a experiência urbana, a trajetória resgatada atesta que o "direito à cidade" (Lefebvre, 2008) e o "fazer-cidade" (Agier, 2015) traduzem-se como pedagogias políticas encarnadas no próprio corpo jovem. Ao subverterem a arquitetura disciplinar das calçadas, praças e monumentos centrais para a prática do *street skate*, os jovens afirmaram a primazia do valor de uso do espaço urbano sobre as lógicas funcionais e mercantilizadas. A subsequente



articulação comunitária da Associação dos Skatistas de São Borja em 2006 e a mobilização continuada que resultou na construção da pista de skate e na exibição do filme na Câmara de Vereadores, em 2025, demonstram que a juventude periférica não é um agente passivo das decisões estatais, mas um sujeito político coletivo capaz de tensionar a gestão pública e reivindicar infraestruturas dignas de lazer e convivência.

Em quarto lugar, sob o prisma metodológico, este artigo acaba validando a consistência do relato de experiência pautado pelos critérios de coerência, consistência e objetivação de Mussi, Flores e Almeida (2021), alinhado às dimensões de validação social e profissional de Santaella (2001). Ao afastar-se da descrição burocrática de bastidores operacionais, o modelo analítico adotado demonstrou que a reflexão crítica sobre as tomadas de decisão, as negociações de campo e os abalos subjetivos da práxis constitui um caminho legítimo e rigoroso para a produção de conhecimento científico na Comunicação. Trata-se de uma matriz metodológica perfeitamente replicável para investigações sobre outras manifestações culturais subalternizadas no interior do país.

Por fim, este estudo não esgota a complexidade da cena cultural e urbana de São Borja, abrindo horizontes para pesquisas futuras que aprofundem as interseccionalidades de gênero na prática do skate de rua, analisem os impactos de longo prazo dos mecanismos de fomento cultural descentralizados (como a Lei Paulo Gustavo) nas produções audiovisuais do interior gaúcho, ou que investiguem os desafios da preservação de acervos digitais vernaculares em ecossistemas de redes sociais. Conclui-se que assegurar à juventude o direito à memória, ao lazer e ao livre ocupar e ressignificar as ruas da cidade constitui a premissa fundamental para a edificação de um espaço urbano verdadeiramente democrático, plural e acolhedor das diferenças da cidadania.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade:** lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.



AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

FABIANE, Darlan, SPINELLI, Juçara, Cidades Gêmeas brasileiras: espaços contraditórios de integração. **Geografia Ensino & Pesquisa,** Santa Maria, v.29, p.1-27, 2025

IBGE, **Distribuição de população por sexo, segundo os grupos de idade de São Borja.** Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?ano=2010&codigo=431800&corhomem=88C2E6&cormulher=F9C189&wmaxbarra=180. Acesso: 16 set. 2026

I HATE FLASH, **O universo do skate através das vídeo partes: a jornada de uma série de skate para a televisão**. Disponível em: https://ihateflash.net/zine/o-universo-do-skate-atraves-das-video-partes. Acesso: 15 ago. 2026

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro; BRANDÃO, Leonardo. Os movimentos do fazer-cidade: reflexões sobre uma utopia citadina. **Revista Indisciplinar**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 107-117, 2020.

NARESSI, Taylize, **Circuito Pira de Skate:** uma análise da utilização da mídia alternativa na loja Pira Skate & Surf. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social Habilitação: Publicidade e Propaganda - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, 2015

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BORJA, Audiência Pública discute sobre a Lei Paulo Gustavo. Disponível em: https://www.saoborja.rs.gov.br/index.php/ultimas-noticias/5115-audiencia-publica-discute-sobre-lei-paulo-gustavo. Acesso: 18 jul. 2026

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. Secretária da Cultura. **Sobre a Lei Paulo Gustavo.** Disponível em: https://cultura.rs.gov.br/lei-paulo-gustavo. Acesso: 18 jul. 2026



RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. **Perfil econômico COREDE Fronteira Oeste.** Disponível em: https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/conselhos-regionais-de-desenvolvimento-coredes. Acesso: 18 jul. 2026.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Qual memória o audiovisual preserva?. *In*: MANINI, Miriam Paula; OLIVEIRA, Eliane Braga de; GOMES, Ana Lucia de Abreu (org.). **Imagem, Informação e Memória**: abordagens acerca da preservação do audiovisual, do cinema e da fotografia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 43-52.